

# RELAÇÃO ENTRE CONSERVADORISMO CONTÁBIL E SUSTENTABILIDADE: UMA ANÁLISE DAS COMPANHIAS LISTADAS NA BM&FBOVESPA

*THE RELATIONSHIP BETWEEN ACCOUNTING CONSERVATISM AND SUSTAINABILITY: AN ANALYSIS OF BM&FBOVESPA COMPANIES*

**HELAINÉ SIMAN GLÓRIA**

Mestre em Ciências Contábeis e Finanças, pela FUCAPE Business School. E-mail: [helaine.siman@gmail.com](mailto:helaine.siman@gmail.com)

**FÁBIO MORAES DA COSTA**

Doutor em Controladoria e Contabilidade, pela USP. E-mail: [fabio@fucape.br](mailto:fabio@fucape.br)

---

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 1358. Boa Vista, Vitória/ES. CEP 29.075-505.

---

**Resumo:** Este estudo analisou se as empresas consideradas sustentáveis, identificadas como as que divulgam o relatório de sustentabilidade ou como as que fazem parte do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), possuem maior grau de conservadorismo contábil do que as demais. Foram analisadas informações contábeis de todas as companhias abertas listadas na BM&FBOVESPA no período de 2010 a 2013, ou seja, após a adoção das Internacionais Financial Reporting Standards (IFRS) no Brasil. O objetivo foi de verificar a relação entre o conservadorismo e a sinalização de práticas sustentáveis realizadas por empresas brasileiras, ou seja, se as empresas sustentáveis são mais conservadoras do que as demais. Para chegar aos resultados, foi usado o modelo de conservadorismo condicional desenvolvido por Basu (1997), para avaliar se “más notícias” são reconhecidas de maneira mais tempestiva do que as “boas notícias”. Os resultados indicam que há conservadorismo no Brasil, mas não é possível afirmar que as empresas consideradas sustentáveis sejam mais conservadoras do que as demais. No Brasil, Silva (2014) apresenta evidências de que as empresas consideradas sustentáveis apresentam um menor nível de gerenciamento de resultados do que as demais. Assim, este trabalho reforça a ideia de que métricas diferentes podem apresentar comportamentos distintos, abrindo leque para futuras pesquisas a respeito das diferentes dimensões da qualidade da informação contábil.

**Palavras-chave:** Conservadorismo contábil. Sustentabilidade empresarial. Qualidade da informação contábil.

**Abstract:** *This study examined whether the companies considered sustainable, identified as those disclose the sustainability report or those that are part of the Corporate Sustainability Index (ISE), have a higher degree of accounting conservatism than the others. They were analyzed financial statements of all public companies listed on the BM & FBOVESPA in the 2010-2013 period, after the adoption of International Financial Reporting Standards (IFRS) in Brazil. The objective was to investigate the relationship between conservatism and signaling of sustainable practices by Brazilian companies, if sustainable enterprises are more conservative than others. To get the results, it used the conditional conservatism model developed by Basu (1997), to assess whether "bad news" are recognized more timely manner than the "good news". The results indicate that there is conservatism in Brazil, but we cannot say that sustainable companies are more conservative than others. In Brazil, Silva (2014) presents evidence that sustainable companies have considered a minor earnings management level than the others. This work reinforces the idea that different metrics may exhibit different behaviors, opening range for future research into the different dimensions of quality of accounting information.*

**Keywords:** *Accounting conservatism. Corporate sustainability. Quality of accounting information.*

## 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento sustentável pode ser considerado como uma definição de sucesso em longo prazo, capaz de atender as necessidades desta geração, sem prejudicar a capacidade das gerações futuras (STAND, 2014; CLOSS; ANTONELLO, 2014). Neste contexto torna-se factível buscar evidências de uma relação

entre o conservadorismo e a sustentabilidade, haja vista que tanto sustentabilidade como conservadorismo são indicadores de responsabilidade e credibilidade para uma empresa perante os usuários de suas informações.

O conservadorismo é tratado como uma das várias dimensões da qualidade da informação contábil (FAN; ZHANG, 2012). Informações contábeis de maior qualidade podem contribuir para a melhoria da eficiência de investimentos (BIDDLE *et al.*, 2009). Estudos anteriores, como o de Silva (2014) constataram que empresas sustentáveis possuem informação contábil de maior qualidade do ponto de vista do gerenciamento de resultado.

Silva (2014) apresenta evidências de que empresas consideradas sustentáveis, definidas como as participantes da carteira Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), possuem menor gerenciamento de resultados e, conseqüentemente, informação contábil de maior qualidade. Entretanto, nem sempre as métricas de qualidade estão positivamente relacionadas. Dutra (2011) analisou a relação entre o gerenciamento de resultados e o conservadorismo, no período que antecede à implantação do IFRS e concluiu que não existem evidências de que o conservadorismo no Brasil seja afetado pelo gerenciamento de resultados.

Neste sentido, este trabalho se propôs a pesquisar a relação entre o conservadorismo e a sinalização de práticas sustentáveis realizadas por empresas brasileiras. ou seja a existência de conservadorismo, como métrica de qualidade, entre as empresas consideradas sustentáveis comparado com as demais listadas na BM&FBOVESPA e se as mesmas possuem mais conservadorismos em relação às demais. Uma vez que Silva (2014) concluiu que empresas consideradas sustentáveis possuem informações contábeis de maior qualidade do ponto de vista do gerenciamento de resultados, gostaríamos de saber se também é possível afirmar que empresas consideradas sustentáveis possuem informações contábeis de maior qualidade do ponto de vista do conservadorismo. E desta forma buscar respostas para as seguintes questões: Existe conservadorismos nas informações contábeis das empresas participantes da carteira Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE)? Elas possuem maior grau de conservadorismos em relação às demais empresas listadas na BM&FBOVESPA?

O estudo de Silva (2014) limitou-se às empresas sustentáveis integrantes da carteira ISE e verificou a relação do gerenciamento de resultados e a qualidade da informação contábil nestas empresas. Portanto, este trabalho contribui para a literatura ao avaliar o grau de conservadorismo nas companhias brasileiras de capital aberto, fazendo uma análise da relação entre o conservadorismo e a sustentabilidade, uma vez que ainda não há pesquisa comparando conservadorismo com a prática da sustentabilidade no Brasil.

Existem evidências de que as preocupações éticas podem conduzir à elaboração de relatórios financeiros de qualidade (KIM; PARK; WIER, 2012). Por exemplo, empresas cujas atividades modifiquem o meio ambiente possuem um monitoramento maior de seu desempenho ambiental, fatos que podem ser refletidos em mais ações de Responsabilidade Social Corporativa (NUNES *et al.*, 2010).

Segundo Patrizia e Carlotta (2011), o relatório de sustentabilidade representa um meio onde a empresa descreve, comenta e relata seu papel e comportamento referente ao crescimento sustentável, tornando visível para seus usuários. Por outro lado, há a crítica de que tal demonstração de responsabilidade social pode ser compreendida como uma estratégia de *marketing* com finalidade de impactar a imagem da entidade (MOTA; MAZZA; DE OLIVEIRA, 2013; LEVEK *et al.*, 2002). Segundo Bedek (2011) em um mercado competitivo as práticas sustentáveis são aderidas como parte do sucesso do negócio da empresa e impactam a reputação. Assim, tais práticas associadas ao marketing ajudam a diferenciar a entidade de seus concorrentes. Patrizia (2011) afirma que o relatório de sustentabilidade pode ser usado para aumentar a valorização da empresa, por onde ela pode divulgar seu papel social e ambiental. Assim, argumenta-se que o exercício da responsabilidade social corporativa esteja associado à noção de sustentabilidade, conciliando as esferas econômica, ambiental e social e, a partir de então, gerando um cenário compatível à continuidade e à expansão das atividades das empresas (KRAEMER, 2008). A incorporação dos conceitos de sustentabilidade nas diretrizes de uma empresa traz ganhos para sua imagem; e este ganho deverá ser consequência de mudanças de atitude e a divulgação dos relatórios é a chance para a empresa mostrar para a sociedade a prática de seus discursos (VIEIRA, 2006).

Uma informação com qualidade pode ser compreendida com maior facilidade, reduzindo o grau de incertezas (MOURA; FRANZ; CUNHA, 2013). A qualidade da informação contábil pode ser analisada por diversos modelos que capturam diferentes propriedades da informação contábil, dentre elas: gerenciamento de resultados; conservadorismo; relevância; tempestividade da informação; persistência; e oportunidade (WANG, 2006; ALMEIDA, 2010).

O conservadorismo pode ser descrito como o reconhecimento assimétrico entre perdas e ganhos, em virtude das perdas serem reconhecidas de maneira mais oportuna do que os ganhos (BASU, 1997; WATTS, 2003). Um dos benefícios de uma contabilidade conservadora, ou seja, que pratica o conservadorismo, é a probabilidade de que os custos não estejam subestimados e as receitas superestimadas (LOPES; MARTINS, 2005; TEIXEIRA; NOSSA; FUNCHAL, 2011). Se a perda é reconhecida mais oportunamente do que o ganho, as mudanças das informações de perdas serão menos persistentes e tenderá a reverter mais do que os

ganhos e supõe-se que esta antecipação assimétrica das perdas produz mais qualidade a estas informações (DECHOW; GE; SCHRAND, 2010).

Esta pesquisa justifica-se pelo fato destas informações não se encontrarem disponíveis no site da BM&FBOVESPA, apesar de serem muito importantes nas tomadas de decisões, uma vez que a qualidade da informação contábil afetará os investimentos e conseqüentemente o crescimento da empresa, ao serem usadas pelos analistas. Sua relevância justifica-se também, pelo fato de que investimentos em mercados emergentes vêm sendo uma estratégia de diversificação internacional e se tornando comum, tanto para os investidores de países desenvolvidos quanto em desenvolvimento (LAMOUNIER; NOGUEIRA, 2007).

Para chegar aos resultados desta pesquisa, foram rodadas regressões, utilizando o modelo de BASU (1997), que visa capturar se há reconhecimento assimétrico entre “boas e más notícias”, o que seria evidência de conservadorismo. Dois critérios foram utilizados para identificar empresas que sinalizam serem sustentáveis: participação na carteira ISE e divulgação do relatório de sustentabilidade. Assim, o grau de conservadorismo entre as empresas que sinalizam sustentabilidade foi comparado ao das demais companhias listadas na BM&FBOVESPA.

Os resultados indicam que há conservadorismo no mercado brasileiro. Porém, não foi possível afirmar que as empresas sustentáveis possuem grau de conservadorismo maior do que o das demais. Desta forma, a divulgação do relatório de sustentabilidade e a participação no ISE não são indicadores de qualidade ao menos do ponto de vista do conservadorismo.

Sendo assim usuários das informações, bem como pesquisadores, podem utilizar-se deste trabalho para tomadas de decisões e para base de novas pesquisas. Dado a importância da qualidade nas informações, já se pode afirmar que as empresas consideradas sustentáveis possuem menor gerenciamento de resultados e maior qualidade da informação contábil pela pesquisa de Silva (2014), porém um investidor que busca empresas mais conservadoras, não poderá fazer sua escolha priorizando as empresas consideradas sustentáveis, uma vez que já é sabido que estas não possuem maior grau de conservadorismo.

Uma vez que o gerenciamento de resultado não interfere no conservadorismo conforme verificado por Dutra (2011), ao buscar empresas com informação contábil de maior qualidade o investidor deverá estar ciente de que os parâmetros para medir a qualidade não caminham juntos. Foi possível verificar nesta pesquisa que as mesmas empresas que possuem menor gerenciamento de resultados, não possuem maior grau de conservadorismo.

Sendo assim esta pesquisa abre leque para novas pesquisas a respeito da qualidade da informação contábil, pois há outros parâmetros para medir a qualidade da informação. Esta pesquisa também oferece mais uma base de conhecimento para tomada de decisão, visto que concluiu que as empresas brasileiras possuem conservadorismo, e ainda que as empresas consideradas sustentáveis não sejam mais conservadoras do que as demais.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE E RESPONSABILIDADE SOCIAL

A divulgação do relatório de responsabilidade social, ou relatório de sustentabilidade é um tema que está se tornando cada vez mais dominante nas discussões entre investidores, clientes e outras partes interessadas, que exigem mais transparência sobre o negócio da empresa (KIM; PARK; WIER, 2012). Junior Mori, Best e Cotter (2014) argumentam que os relatórios de sustentabilidade são divulgados pelas entidades com o objetivo de alcançarem maior transparência de seus desempenhos e atividades sustentáveis, servindo como um meio de avaliação do desempenho e competitividade (MOTA; MAZZA; DE OLIVEIRA, 2013).

A responsabilidade social de uma empresa é vista como uma forma pela qual a mesma contribui para uma sociedade e qualidade de vida melhores e mais justas, muitas vezes contribuindo para o fortalecimento e melhoria de sua reputação (RODRIGUES; DUARTE, 2011). Assim, as práticas de responsabilidade social visam estabelecer relações positivas entre a empresa e as partes interessadas (KRAEMER, 2008).

Teixeira *et al.* (2011) encontraram evidências de que empresas que sinalizam serem socialmente responsáveis podem reduzir mais o seu endividamento de longo prazo. Além disso, os autores demonstram que existe relação negativa ao risco, em comparação com as que não sinalizam. Já Patrícia e Carlotta (2011) afirmam que o relatório de sustentabilidade certifica o perfil ético da empresa e legitima o seu papel social e ambiental.

Há estudos, como o de Kim, Park e Wier (2012), que observaram que empresas que declaram ser socialmente responsáveis são menos propensas a se envolverem em atividades de gerenciamento de resultados por decisões operacionais (*real activities earnings management*), uma vez que se a empresa valoriza a sua reputação, então o desejo de proteger a reputação pode inibir que se envolva em atividades socialmente

inaceitáveis. Além disso, Silva (2014) apresenta evidências de empresas brasileiras que publicam o relatório de sustentabilidade possuem menor nível de gerenciamento de resultados via *accruals* (*accruals-based earnings management*).

A publicação do relatório de sustentabilidade é uma atividade voluntária. Diante disso, estudos têm sido desenvolvidos sobre motivações para sua elaboração e publicação (SEARCY; BUSLOVICH, 2014). Algumas pesquisas, como a de Levek *et al.* (2002), concluíram a divulgação das práticas sustentáveis pode colaborar para o fortalecimento da marca da empresa e obtenção de um valor diferencial para seus produtos e serviços.

A quantidade e qualidade das informações que uma empresa divulga, proporcionará mais investimentos, pois manterá os investidores mais bem informados, uma vez que, investidores menos informados sentem-se desfavorecidos e tornam-se menos disposto a negociar (DHALIWAL *et al.*, 2011).

## 2.2 ISE/RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE

A sustentabilidade é uma preocupação crescente no mundo empresarial (MULLER; PFLEGER, 2014; HAHN *et al.*, 2014; DUCKERS *et al.*, 2014). Segundo Searcy e Buslovich (2014), tal preocupação induz as empresas a continuarem realizando progressos nos âmbitos econômico, social e ambiental. Assim, a responsabilidade social corporativa pode ser percebida como um compromisso com o desenvolvimento da sociedade e a proteção do meio ambiente (URSINI; SEKIGUCHI, 2005). Segundo Resende *et al.* (2009), a sustentabilidade consiste na capacidade de conciliar o sucesso financeiro com a atuação social e o equilíbrio ambiental.

Searcy e Buslovich (2014) ressaltam a dificuldade em determinar de forma confiável se as atividades de responsabilidade social aumentam ou diminuem o lucro da empresa assim como as despesas, pois também não há dados específicos sobre os gastos com tais atividades.

O ISE (Índice de Sustentabilidade Empresarial) é um instrumento de análise comparativa do desenvolvimento das empresas sob o aspecto da sustentabilidade iniciado em 2005 e financiado pela *International Finance Corporation* (IFC). No entanto para poder integrar ao ISE, há várias condicionantes de qualidade que estas empresas devem cumprir (BM&FBOVESPA, 2014a). No Brasil, o ISE é um indicador de desempenho das empresas com reconhecido compromisso com a sustentabilidade empresarial e ainda pode possibilitar a criação de um ambiente de investimento equivalente com as demandas de desenvolvimento sustentável da sociedade moderna e incentivar a responsabilidade ética das corporações (BM&FBOVESPA, 2014b).

A BM&FBOVESPA é responsável pelo cálculo do ISE e pela sua gestão técnica, que é realizada por um Conselho Deliberativo, seu órgão máximo de governança, o qual tem como missão garantir um processo confiável de construção do índice e de escolha das empresas. A cada ano, são escolhidas para fazer parte do indicador até 40 empresas dentre as que possuem as 200 ações mais líquidas no mercado e que atendam aos requisitos estabelecidos pelo conselho deliberativo (BM&FBOVESPA, 2014c).

Fazem parte da carteira ISE empresas consideradas comprometidas com a sustentabilidade, diferenciadas em termos de nível de compromisso com o desenvolvimento sustentável, de transparência e prestação de conta, além de possuírem um desempenho empresarial em diversas dimensões, tais como econômico-financeira, ambiental e social, dentre outras (BM&FBOVESPA, 2014a). As empresas do grupo ISE publicam obrigatoriamente relatório de sustentabilidade, expressando sua responsabilidade social, mas há também empresas que não integram o ISE e optam por publicar o relatório.

Muller e Pflieger (2014) discorrem que empresas que já implantaram ações sustentáveis em algum estágio podem atingir certo nível de maturidade em algumas atividades, portanto podem ainda melhorar a situação atual e proporcionar transformações. Dossa e Kaeufer, (2014) citam a inovação tecnológica como um dos fatores que proporcionam o crescimento dos processos de sustentabilidade. Quanto às ações de sustentabilidade, Muller e Pflieger (2014) relatam que sustentabilidade deve ser executada de acordo com o paradigma de gestão baseada em valor, ou seja, considerando efeitos econômicos do negócio. Colares *et al.* (2012) também discorrem sobre a sustentabilidade ao descrever que uma empresa sustentável é uma empresa que não se preocupa somente com seu desempenho financeiro, mas também com o social, com o comportamento ético de seus dirigentes e se preocupa principalmente com o ambiental.

Sobre a relação da performance financeira de uma empresa considerada socialmente responsável Cesar e Silva (2008), afirmam que os indicadores sociais internos e externos influenciavam diretamente o desempenho das mesmas e ainda que seus investimentos sociais justificam não somente pelos aspectos éticos e filosóficos, mas também econômicos. Segundo Silva (2014), as empresas aderidas ao ISE possuem menor nível de gerenciamento de resultados, sinalizando assim para o mercado informações contábeis de maior qualidade em relação às demais que não fazem parte desta carteira, porém as próprias dimensões exigidas

para que se faça parte do ISE, já possuem relação com a qualidade. Kim *et al.*, (2012) relatam em sua pesquisa que empresas com responsabilidade social são menos propensas a gerenciar os resultados e mais prudentes na informação financeira, possuindo informações contábeis de maior qualidade do ponto de vista do gerenciamento de resultados.

Acerca do grau de conservadorismo das empresas do grupo ISE surge a indagação se estas seriam mais conservadoras do que as demais listadas na BM&FBOVESPA, uma vez que Silva (2014) já verificou nível de gerenciamento de resultados é menor nas mesmas em relação às demais. O conservadorismo constitui-se na antecipação das perdas ao invés dos lucros (WATTS, 2003; BASU, 1997; SANTOS *et al.*, 2011).

### 2.3 CONSERVADORISMO

O conservadorismo pode ser definido como o reconhecimento mais oportuno das perdas em relação aos ganhos (BASU, 1997; WATTS, 2003). É associado à divulgação oportuna de eventos e tem influenciado a informação contábil durante séculos, sendo considerada uma prática importante na contabilidade (BASU, 1997).

O conservadorismo pode ser condicional ou incondicional. O condicional refere-se à possibilidade de antecipar o reconhecimento contábil de perdas econômicas ainda não realizadas, porém estimadas com base em eventos negativos ocorridos, aplicado quando certas condições não são atendidas em um contexto específico (CHEN *et al.*, 2013). Já o conservadorismo incondicional ocorre com a contabilização dos custos da maioria dos bens intangíveis e divulga baixos valores de ativos e receitas, independentemente da probabilidade de perda (COELHO, 2007; DOS SANTOS *et al.*, 2011; CHEN *et al.*, 2014; SALTER *et al.*, 2013).

Costa *et al.* (2006) destacam que o excesso de utilização do conservadorismo leva à divulgação de informações com falsos sinais a seus usuários, sendo este um ponto negativo. Watts (2003) também destaca um ponto negativo do conservadorismo ao discorrer que o mesmo pode causar uma subavaliação dos ativos. Todavia, argumenta-se que em um ambiente onde predomina o conservadorismo é bastante improvável que haja gerenciamento de resultados, embora um não exclua o outro (DUTRA, 2011). O excesso de confiança dos gestores de uma empresa está negativamente relacionado com o conservadorismo nas mesmas, dado que os gestores ficam menos propensos a manipularem as informações (AHMED; DUELLMAN, 2013). O aumento do grau de conservadorismo aumenta a motivação da empresa para fornecer informações que seriam potencialmente mais precisas (FAN; ZHANG, 2012).

O surgimento do princípio do conservadorismo na elaboração das demonstrações financeiras pode ser atribuído à necessidade de oferecer informações de qualidade aos credores e aos diversos usuários das informações, assim descreve Basu (1997). Na medida em que o conservadorismo pode proporcionar mais qualidade às informações, a previsão do desempenho futuro da empresa tende a se tornar mais próxima da realidade, de acordo com Ferris, Hao e Liao (2013), por conseguinte, no final haverá maior demanda para investimentos.

### 2.4 QUALIDADE DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL X SUSTENTABILIDADE

A qualidade da informação contábil pode influenciar a eficácia dos investimentos da empresa, haja vista que uma informação de qualidade possui menos assimetria entre gerentes e fornecedores reduzindo assim os custos e as restrições de financiamento (BEATTY *et al.*, 2010). Beatty *et al.* (2010) destacam a importância da qualidade da informação contábil ao revelar que empresas enfrentam restrições de financiamento, onde problemas de assimetria de informação são susceptíveis de serem maiores. Espera-se que os investidores mais bem informados processem melhor as informações das demonstrações financeiras (DECHOW *et al.*, 2010).

Os relatórios de sustentabilidade têm sido uma ferramenta vital para as organizações fornecerem informações transparentes às partes interessadas, principalmente sobre seus desempenhos sociais e ambientais, e ainda conferem mais qualidade às informações fornecidas, segundo Junior Mori, Best e Cotter (2014). Sendo assim, esta pesquisa busca resultados onde possa afirmar ou não, se as empresas sustentáveis são mais conservadoras, ou seja, possuem maior grau de conservadorismo em suas informações do que as demais listadas na BM&FBOVESPA.

Na literatura sobre a qualidade da informação contábil das empresas brasileiras, é possível encontrar várias pesquisas sobre o conservadorismo em empresas brasileiras (DOS SANTOS *et al.*, 2011; MOREIRA *et al.*, 2010; ALMEIDA *et al.*, 2008) e até estudo recente sobre gerenciamento de resultados em empresas sustentáveis (SILVA, 2014). Dutra (2011) estudou a relação entre gerenciamento de resultados e

conservadorismo. Porém, não há nenhuma pesquisa que busque encontrar relação entre o grau conservadorismo e empresas sustentáveis.

De acordo com a literatura citada neste trabalho esperamos que empresas consideradas sustentáveis, ou seja, as empresas que divulgam o relatório de sustentabilidade possuam informações contábeis de maior qualidade do ponto de vista do conservadorismo. Além disso, que estas empresas apenas publiquem seus relatórios como estratégia de marketing.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para os objetivos desta pesquisa foram consideradas todas as empresas brasileiras de capital aberto listadas na BM&FBOVESPA, incluindo participantes e não participantes do grupo ISE, que publicam e não publicam o relatório de sustentabilidade, do período de 2010 a 2013, ou seja, após a implantação das IFRS no Brasil (BRITO; MARTINS, 2013). Os dados de 2013 referentes à participação na carteira ISE e divulgação do relatório de sustentabilidade foram retirados do site BM&FBOVESPA, já as variáveis contábeis e de mercado foram obtidas pela base da Economatica.

Seguindo a literatura existente (PATATOUKAS, 2011; BALL *et al.*, 2000; HELTZER, 2009; SANTOS; COSTA, 2008; DUTRA, 2011; SANTOS *et al.*, 2011), com intuito de buscar evidências de conservadorismo foi utilizado o modelo de Basu (1997). Basu (1997) usou a variável lucro por ação (LPA) para calcular o retorno e medir o conservadorismo, com amostra de empresas de 1963 a 1990. Em virtude dos objetivos deste trabalho, o modelo de Basu (1997) foi adaptado para possibilitar a comparação entre empresas que sinalizam serem sustentáveis em relação às demais. A participação no ISE e a divulgação voluntária do Relatório de Sustentabilidade foram adotadas como *proxies* para a identificação de empresas consideradas “sustentáveis”.

O modelo básico de Basu (1997), apresentado na equação a seguir, permite identificar evidências de diferença na oportunidade da informação contábil ao se comparar “boas notícias” (retornos positivos da ação) e “más notícias” (retornos negativos da ação), evidenciando a existência de conservadorismo.

Modelo Básico de Basu (1997):

$$\frac{LPA_{it}}{P_{i,t-1}} = \alpha_0 + \alpha_1 RET_{it} + \alpha_2 D_{it} + \alpha_3 D_{it} RET_{it} + \epsilon_{it} \quad (1)$$

Onde,  $LPA_{it}$  é o lucro por ação da empresa  $i$  no ano  $t$ ,  $P_{i,t-1}$  é o preço da ação da empresa  $i$  no ano  $t - 1$ ,  $RET_{it} = \frac{P_{i,t}}{P_{i,t-1}}$  é o retorno simples da ação da empresa  $i$  no ano  $t$ , e  $D_{it}$  é uma variável binária que assume o valor 1 quando  $RET_{it} < 0$  e 0 caso contrário.

Para estimar o grau de conservadorismo nas empresas do grupo ISE foi inserida no modelo de Basu (1997) a variável ISE que indica quando a empresa é participante do ISE.

Modelo de Basu (1997) com diferenciação entre empresas que participam na carteira do ISE:

$$\frac{LPA_{it}}{AT_{it}} = \beta_0 + \beta_1 RET_{it} + \beta_2 D_{it} + \beta_3 D_{it} RET_{it} + \beta_4 RET_{it} ISE_{it} + \beta_5 D_{it} ISE_{it} + \beta_6 D_{it} RET_{it} ISE_{it} + \epsilon_{it} \quad (2)$$

onde,  $LPA_{it}$ ,  $RET_{it}$  e  $D_{it}$  possuem mesmo significado da equação 1,  $AT_{it}$  é o valor do ativo da empresa  $i$  no ano  $t$  e  $ISE_{it}$  é uma variável binária que assume o valor 1 quando a empresa  $i$  integra a carteira ISE no ano  $t$  e 0 caso contrário.

De maneira similar, outra variável binária foi criada para identificar companhias que divulgam o relatório de sustentabilidade e que também poderiam ser consideradas como sustentáveis ( $REL.SUST_{it}$ ).

$$\frac{LPA_{it}}{AT_{it}} = \alpha_0 + \alpha_1 * RET_{it} + \alpha_2 D_{it} + \alpha_3 D_{it} * RET_{it} + \alpha_4 RET_{it} * REL.SUST_{it} + \alpha_5 D_{it} * REL.SUST_{it} + \alpha_6 D_{it} * RET_{it} * REL.SUST_{it} + \sum_{n=1}^2 \beta_n ANO_{it} + \epsilon_{it} \quad (3)$$

onde,  $LPA_{it}$ ,  $RET_{it}$ ,  $D_{it}$ ,  $AT_{it}$  e  $ISE_{it}$  tem o mesmo significado que anteriormente e  $REL.SUST_{it}$  é uma variável binária que assume o valor 1 quando a empresa  $i$  divulga o Relatório de Sustentabilidade no ano  $t$  e 0 caso contrário.

Conforme Basu (1997), todas as variáveis do modelo foram ponderadas pelo ativo total do ano anterior. A escolha do ativo total em vez do valor de mercado é justificada pelos achados de Castro (2011), seus resultados mostram que há distorção na distribuição dos dados quando as variáveis são ponderadas pelo valor de mercado, por conta das empresas que apresentam prejuízos e que possuem menor valor de mercado. Além disso, foi aplicada a técnica “winsor” à 1% em todas as variáveis, afim de mitigar os efeitos de *outliers*.

#### 4 RESULTADOS

Os resultados apresentados na Tabela 1 sugerem que há conservadorismo nas empresas brasileiras listadas na BM&FBOVESPA, ou seja, a informação contábil reflete de maneira mais oportuna as “más notícias” do que as “boas notícias”, dado que o coeficiente  $\hat{\alpha}_3$  é positivo e estatisticamente significativo, corroborando com estudos anteriores (FILIPIN *et al.*, 2012).

Tabela 1: Resultado do Modelo Básico de Basu (1997)

$$\frac{LPA_{it}}{P_{i,t-1}} = \alpha_0 + \alpha_1 RET_{it} + \alpha_2 D_{it} + \alpha_3 D_{it} RET_{it} + \epsilon_{it}$$

Variável Dependente	$LPA_{it}/P_{i,t-1}$
Variável Independente	Coefficiente Estimado
$RET_{it}$	0,000**
$D_{it}$	0,014*
$D_{it}RET_{it}$	0,001***
Efeito Fixo de Ano	SIM
Efeito Fixo de Empresa	SIM
Nº de Observações	1076

Fonte: Elaborada pelos autores.

Esta tabela contém os coeficientes estimados pelo Método de Mínimos Quadrados (MQO) do modelo básico de Basu (1997) descrito pelo Equação (1).

$LPA_{it}$  é o lucro por ação da empresa  $i$  no ano  $t$ .  $P_{i,t-1}$  é o preço da ação da empresa  $i$  no ano  $t - 1$ .  $RET_{it}$  é o retorno simples da ação da empresa  $i$  no ano  $t$ .  $D_{it}$  é uma variável binária que assume o valor 1 quando  $RET_{it} < 0$  e 0 caso contrário. \*, \*\* e \*\*\* indicam significância estatística à 1%, 5% e 10%, respectivamente.

Posteriormente, foram rodadas as demais regressões, referentes às equações 2 e 3, buscando avaliar se o comportamento das empresas que fazem parte da carteira do ISE ou as que divulgam o relatório de sustentabilidade são mais conservadoras.

Tabela 2: Conservadorismo em Empresas da Carteira ISE

$$\frac{LPA_{it}}{AT_{it}} = \beta_0 + \beta_1 RET_{it} + \beta_2 D_{it} + \beta_3 D_{it} RET_{it} + \beta_4 RET_{it} ISE_{it} + \beta_5 D_{it} ISE_{it} + \beta_6 D_{it} RET_{it} ISE_{it} + \epsilon_{it}$$

Variável Dependente	$LPA_{it}/P_{i,t-1}$
Variável Independente	Coefficiente Estimado
$RET_{it}$	0,000**
$D_{it}$	0,017**
$D_{it}RET_{it}$	0,000***
$RET_{it}ISE_{it}$	0,000
$D_{it}ISE_{it}$	0,009
$D_{it}RET_{it}ISE_{it}$	0,000
Efeito Fixo de Ano	SIM
Efeito Fixo de Empresa	SIM
Nº de Observações	963

Fonte: Elaborada pelos autores.

Esta tabela contém os coeficientes estimados pelo Método de Mínimos Quadrados (MQO) do modelo descrito pelo Equação (2).

$LPA_{it}$  é o lucro por ação da empresa  $i$  no ano  $t$ .  $P_{i,t-1}$  é o preço da ação da empresa  $i$  no ano  $t - 1$ .  $RET_{it}$  é o retorno simples da ação da empresa  $i$  no ano  $t$ .  $D_{it}$  é uma variável binária que assume o valor 1 quando  $RET_{it} < 0$  e 0 caso contrário.  $ISE_{it}$  é uma variável binária que assume valor 1 quando a empresa  $i$  integra a carteira ISE no ano  $t$  e 0 caso contrário. \*, \*\* e \*\*\* indicam significância estatística à 1%, 5% e 10%, respectivamente.

De acordo com os resultados da Tabela 2 não podemos afirmar que as empresas pertencentes à carteira ISE possuem maior grau de conservadorismo do que as demais, uma vez que o coeficiente estimado  $\hat{\beta}_6$  não apresentou significância estatística. Na Tabela 3, a divulgação do Relatório de Sustentabilidade foi analisada como *proxy* para “empresas sustentáveis”.

Tabela 3: Conservadorismo em Empresas que Divulgam o Relatório de Sustentabilidade

$$\frac{LPA_{it}}{AT_{it}} = \theta_0 + \theta_1 RET_{it} + \theta_2 D_{it} + \theta_3 D_{it} RET_{it} + \theta_4 RET_{it} REL.SUST_{it} + \theta_5 D_{it} REL.SUST_{it} + \theta_6 D_{it} RET_{it} REL.SUST_{it} + \delta_{it}$$

Variável Dependente	$LPA_{it}/P_{i,t-1}$
Variável Independente	Coefficiente Estimado
$RET_{it}$	0,000**
$D_{it}$	0,023**
$D_{it}RET_{it}$	0,000***
$RET_{it}REL.SUST_{it}$	0,000
$D_{it}REL.SUST_{it}$	-0,013
$D_{it}RET_{it}REL.SUST_{it}$	0,000
Efeito Fixo de Ano	SIM
Efeito Fixo de Empresa	SIM
Nº de Observações	963

Fonte: Elaborada pelos autores.

Esta tabela contém os coeficientes estimados pelo Método de Mínimos Quadrados (MQO) do modelo descrito pelo Equação (3).

$LPA_{it}$  é o lucro por ação da empresa  $i$  no ano  $t$ .  $P_{i,t-1}$  é o preço da ação da empresa  $i$  no ano  $t - 1$ .  $RET_{it}$  é o retorno simples da ação da empresa  $i$  no ano  $t$ .  $D_{it}$  é uma variável binária que assume o valor 1 quando  $RET_{it} < 0$  e 0 caso contrário.  $REL.SUST_{it}$  é uma variável binária que assume valor 1 se a empresa  $i$  divulga o Relatório de Sustentabilidade no ano  $t$  e 0 caso contrário. \*, \*\* e \*\*\* indicam significância estatística à 1%, 5% e 10%, respectivamente.

De acordo com os resultados da Tabela 3, não é possível afirmar que as empresas do ISE e/ou empresas que divulgam o relatório de sustentabilidade possuem um nível maior de conservadorismo, pois não obteve significância estatística, corroborando com a pesquisa de Dutra (2011). De forma análoga o gerenciamento de resultados não apontou relação com o conservadorismo, contrariando os resultados de Silva (2014), que identificaram informações contábeis de maior qualidade e menor gerenciamento de resultados nestas empresas.

Portanto, esta pesquisa vai ao encontro dos estudos de Dutra (2011), ao constatar a presença de conservadorismo nas empresas brasileiras, porém, também não encontrou evidências de maior grau de conservadorismo nas empresas da carteira ISE em relação às demais. Concluindo que, do ponto de vista do conservadorismo, empresas que fazem parte da carteira ISE não possuem maior qualidade de informação contábil que as demais. Porém, vai de encontro à pesquisa de Silva (2014), que encontrou evidências de que as empresas sustentáveis possuem informação contábil de maior qualidade do que as demais pelo fato de possuírem um menor grau de gerenciamento de resultados, entretanto pela ótica do conservadorismo estas empresas não possuem informações contábeis de maior qualidade, o que corrobora com Dutra (2011), que alega que o gerenciamento de resultados não afeta o conservadorismo, ou seja, as diferentes métricas para a qualidade de informação contábil (gerenciamento de resultado e conservadorismo) não caminham juntas.

Estes resultados não corroboram com pesquisas como de Correia, Amaral e Louve (2011), uma vez que não se pode afirmar que as empresas sustentáveis possuem ações mais seguras, atreladas à maior qualidade da informações e maior vantagem financeira. Mas além do trabalho de Dutra (2011), nossos resultados também vão ao encontro às pesquisas de Filipin *et al.* (2012), Martinez e Alves (2012) Da Costa *et al.* (2010), ao encontrar por meio do modelo de Basu (1997) a existência de conservadorismo nas empresas brasileiras de capital aberto listadas na BM&FBOVESPA. Os resultados também corroboram com os estudos de Ball *et al.* (2000), que concluem que não há diferença no conservadorismo contábil entre as empresas consideradas sustentáveis e as demais empresas listadas na BM&FBOVESPA.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo verificar se empresas consideradas sustentáveis possuem maior grau de conservadorismo do que as demais. Para este objetivo consideramos todas as empresas listadas na

BM&FBOVESPA de 2010 à 2013. Foram consideradas sustentáveis aquelas empresas que divulgam o relatório de sustentabilidade e/ou participam do grupo ISE.

Os resultados indicam que as empresas consideradas sustentáveis não são mais conservadoras do que as demais empresas listadas na BM&FBOVESPA. Neste sentido, divulgar o relatório de sustentabilidade ou fazer parte do grupo ISE não é prerrogativa de indicação de maior grau de conservadorismo. Sendo assim permite aceitar a hipótese de que a divulgação dos relatórios de sustentabilidade podem ser também uma estratégia de marketing e não permite aceitar a hipótese de que as empresas sustentáveis são mais conservadoras do que as demais.

Estes resultados contribuem para a literatura, haja vista que fatores determinantes de qualidade das empresas não são explícitos na BM&FBOVESPA e os usuários das informações contábeis carecem cada vez mais de informações de qualidade. A divulgação do relatório de sustentabilidade tem um papel complementar às divulgações financeiras, entretanto não se pode afirmar que o mesmo seja um indicador de maior grau de conservadorismo.

Diante dos resultados desta pesquisa e do que foi encontrado na literatura, conclui-se que há diferentes dimensões para a avaliação da qualidade da informação contábil. Não são todas as métricas indicadoras de qualidade que caminham juntas, como ficou evidente entre o gerenciamento de resultados e o conservadorismo e há lacunas para estudos futuros. Com os resultados deste trabalho e de outros como de Silva (2014), Dutra (2011), sugere-se que novas pesquisas poderão usar outras métricas de qualidade e ainda comparar empresas brasileiras com empresas estrangeiras, dada a importância da qualidade das informações para as tomadas de decisões e até mesmo desempenho financeiro das empresas.

Algumas lacunas desta pesquisa também podem ser preenchidas em trabalhos futuros, tais como, a limitação da amostra apenas às empresas listadas na BM&FBOVESPA, a utilização de apenas um modelo para testar a evidência de conservadorismo, e o pequeno período considerado, uma vez que consideramos apenas os 3 anos após o IFRS visto que os dados de 2014 não estavam disponíveis devido ao seu período de divulgação.

## REFERÊNCIAS

- AHMED, A. S.; DUELLMAN, S. Managerial overconfidence and accounting conservatism. *Journal of Accounting Research*, v. 51, n. 1, p. 1-30, 2013.
- ALMEIDA, J. C. G.; SCALZER, R. S.; COSTA, F. M. Níveis diferenciados de governança corporativa e grau de conservadorismo: estudo empírico em companhias abertas listadas na BM&FBOVESPA. *Revista de Contabilidade e Organizações*, v. 2, n. 2, p. 118-131, 2008.
- ALMEIDA, J. E. F. *Qualidade na informação contábil em ambientes competitivos*. 2010. 174 fls. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis), Departamento de Contabilidade e Atuária da Faculdade de Economia, Administração, e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- ALMEIDA, J. E. F.; BASTIANELLO, R. F.; MONEQUE, E. Z. Alguns aspectos das práticas de suavização de resultados no conservadorismo das companhias abertas listadas na BM &FBovespa. *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 23, n. 58, p. 65-75, 2012.
- BALL, R.; KOTHARI, S. P.; ROBIN, A. The effect of international institutional factors on properties of accounting earnings. *Journal of Accounting and Economics*, v. 29, n. 1, p. 1-51, 2000.
- BASU, S. The conservatism principle and the asymmetric timeliness of earnings. *Journal of Accounting and Economics*, v. 24, n. 1, p. 3-37, 1997.
- BEATTY, A.; SCOTT LIAO, W.; WEBER, J. The effect of private information and monitoring on the role of accounting quality in investment decisions. *Contemporary Accounting Research*, v. 27, n. 1, p. 17-47, 2010.
- BEDEK, A. Sustainability marketing strategies: examples of best practices in Croatia. *International Journal of Management Cases*, v. 13, n. 2, p. 33-43, 2011.
- BIDDLE, G. C.; HILARY, G.; VERDI, R. S. How does financial reporting quality relate to investment efficiency?. *Journal of Accounting and Economics*, v. 48, n. 2, p. 112-131, 2009.

BM&FBOVESPA. *Índice de Sustentabilidade Empresarial – ISE. Metodologia*. Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/indices/ResumoIndice.aspx?Indice=ISE&Idioma=pt-br>>. Acesso em: 18 nov. 2014a

BM&FBOVESPA. *Índice de Sustentabilidade Empresarial – Metodologia Completa*. Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/Indices/download/ISE.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2014b.

BM&FBOVESPA. *Índice de Sustentabilidade Empresarial*. Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/Indices/download/ISE-Metodologia-pt-br.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2014c.

BOER, J. Sustainability labelling schemes: the logic of their claims and their functions for stakeholders. *Business Strategy and the Environment*, v. 12, n. 4, p. 254-264, 2003.

BRITO, G. A. S.; MARTINS, E. Accounting conservatism and the cost of bank credit in Brazil. *Brazilian Business Review (English Edition)*, v. 10, n. 1, p. 27, 2013.

CASTRO, E. L. *Os incentivos dos diferentes tipos de dupla listagem no conservadorismo contábil*. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Fundação Instituto Capixaba de Pesquisa em Contabilidade, Economia e Administração (FUCAPE), Vitória, Espírito Santo, 2011.

CESAR, J. F.; SILVA JÚNIOR, A. A relação entre a responsabilidade social e ambiental com o desempenho financeiro: um estudo empírico na BM&FBOVESPA no período de 1999 a 2006. In: Congresso Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, 2, 2008, Salvador. *Anais...* Salvador: ANPCONT, 2008.

CHEN, L. H. *et al.* Accounting conservatism, earnings persistence, and pricing multiples on earnings. *Accounting Horizons*, v. 28, n. 2, p. 233-260, 2013.

CLOSS, L. Q.; ANTONELLO, C. S. Transformative learning theory: contributions to management education oriented to sustainability. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 15, n. 3, p. 221-252, 2014.

COELHO, A. C.; LIMA, I. S. Qualidade informacional e conservadorismo nos resultados contábeis publicados no Brasil. *Revista Contabilidade e Finanças*, v. 18, n. 45, p. 38-49, 2007.

COLARES, A. C. V. *et al.* O balanço social como indicativo socioambiental das empresas do índice de sustentabilidade empresarial da BM&F BM&FBOVESPA. *Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ*, v. 17, p. 83-100, 2012.

CORREIA, L. F.; AMARAL, H. F.; LOUVET, P. Um índice de avaliação da qualidade da governança corporativa no Brasil. *Revista Contabilidade e Finanças – USP, São Paulo*, v. 22, n. 55, p. 45-63, jan./fev./mar./abr. 2011.

COSTA, F. M.; LOPES, A. B.; COSTA, A. C. O. Conservadorismo em cinco países da América do Sul. *Revista de Contabilidade e Finanças – USP, São Paulo*, n. 41, p. 7-20, 2006.

CPC - Comitê de Pronunciamentos Contábeis. *Estrutura Conceitual para a Elaboração e Apresentação das Demonstrações Contábeis*. Disponível em: <<http://www.cpc.org.br>>. Acesso em: 05 jan. 2015.

MOREIRA, R. L.; COLAUTO, R. D.; AMARAL, H. F. Conservadorismo condicional: estudo a partir de variáveis econômicas. *Revista Contabilidade & Finanças-USP*, v. 21, n. 54, p. 64-84, 2010.

DECHOW, P.; GE, W.; SCHRAND, C. Understanding earnings quality: A review of the proxies, their determinants and their consequences. *Journal of Accounting and Economics*, v. 50, n. 2, p. 344-401, 2010.

DHALIWAL, D. S. *et al.* Voluntary nonfinancial disclosure and the cost of equity capital: The initiation of corporate social responsibility reporting. *The Accounting Review*, v. 86, n. 1, p. 59-100, 2011.

GLÓRIA, H. S.; COSTA, F. M. Relação entre conservadorismo contábil e sustentabilidade...

DOS SANTOS, L. P. G. et al. Efeito da Lei 11.638/07 sobre o conservadorismo condicional das empresas listadas BM&FBOVESPA. *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 22, n. 56, p. 174-188, 2011.

DOSSA, Z.; KAEUFER, K. Understanding sustainability innovations through positive ethical networks. *Journal of Business Ethics*, v. 119, n. 4, p. 543-559, 2014.

DUCKERS, Les et al. Sustainability index with integrated indicator dependencies. *Business, Management and Education*, n. 1, p. 15-29, 2014.

DUTRA, E. S. *O Impacto Do Gerenciamento De Resultados No Conservadorismo Contábil: Evidências no Mercado Brasileiro*. 2012. 50f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis); Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças (FUCAPE), Vitória, 2012.

FAN, Q.; ZHANG, X. Accounting conservatism, aggregation, and information quality. *Contemporary Accounting Research*, v. 29, n. 1, p. 38-56, 2012.

FERRIS, S. P. HAO; G. Q. LIAO, M. Y. The effect of issuer conservatism on IPO pricing and performance. *Review of Finance*, v. 17, n. 3, p. 993-1027, 2013.

FILIPIN, R. T.; S. A., BEZERRA; F. A.; CUNHA, P. R. Análise do nível de conservadorismo condicional das empresas brasileiras listadas na BM&FBOVESPA após a adoção dos IFRS. *Revista Contabilidade e Controladoria*, v. 4, n. 2, p. 24-36, 2012.

HAHN, T. et al. Cognitive frames in corporate sustainability: managerial sense making with paradoxical and business case frames. *Academy of Management Review*, v. 39, n. 4, p. 463-487 2014.

HELTZER, W. Conservatism and book-tax differences. *Journal of Accounting, Auditing & Finance*, v. 24, n. 3, p. 469-504, 2009.

JUNIOR MORI, R.; BEST, P. J.; COTTER, J. Sustainability reporting and assurance: a historical analysis on a world-wide phenomenon. *Journal of Business Ethics*, v. 120, n. 1, p. 1-11, 2014.

KIM, Y.; PARK, M. S.; WIER, B. Is earnings quality associated with corporate social responsibility? *The Accounting Review*, v. 87, n. 3, p. 761-796, 2012.

KRAEMER, M. E. P. Contabilidade criativa: maquiando as demonstrações contábeis. *Pensar Contábil*, v. 7, n. 28, 2008.

LAMOUNIER, W. M.; NOGUEIRA, E. M. Causality between stock return rates: emerging versus developed capital markets. *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 18, n. 43, p. 34-48, 2007.

LEVEK, A. R. H. C. et al. A responsabilidade social e sua interface com o marketing social. *Revista da FAE, Curitiba*, v. 5, n. 2, p. 15-25, 2002.

MARTINEZ, A. L.; ALVES, J. S. Efeitos da adoção das IFRS no conservadorismo contábil de companhias brasileira de grande porte, abertas e fechadas. In: Congresso de Controladoria e Contabilidade, 13, 2013. São Paulo, *Anais...* São Paulo: USP, 2013.

MOTA, M. O.; MAZZA, A. C. A.; OLIVEIRA, F. Correia. Uma análise dos relatórios de sustentabilidade no âmbito ambiental do Brasil: sustentabilidade ou camuflagem?. *Revista Base (Administração e Contabilidade) da UNISINOS*, v. 10, n. 1, p. 69-80, 2013.

MOURA, G. D.; FRANZ, L.; CUNHA, P. Roberto. Qualidade da informação contábil em empresas familiares: Influência dos níveis diferenciados de Governança da BM&FBOVESPA, tamanho e independência do conselho de administração. In: Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais, 16, 2013, São Paulo, *Anais...* São Paulo: FGV, 2013.

MÜLLER, A. L.; PFLEGER, R. Business transformation towards sustainability. *Business Research*, v. 7, n. 2, p. 313-350, 2014.

NUNES, J. G. *et al.* Análise das variáveis que influenciam a adesão das empresas ao índice BM&FBOVESPA de Sustentabilidade Empresarial. *BASE—Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos*, v. 7, n. 4, p. 328-340, 2010.

PATATOUKAS, P. N.; THOMAS, J. K. More evidence of bias in the differential timeliness measure of conditional conservatism. *The Accounting Review*, v. 86, n. 5, p. 1765-1793, 2011.

PATRIZIA, G.; CARLOTTA, M. C. The role of the sustainability report in capitalistic firm. *European Integration—New Challenges*, v. 20, n. 2, p. 243-250, 2011.

PAULO, E.; ANTUNES, M. T. P.; FORMIGONI, H. Accounting conservatism in Brazilian publicly-quoted and private companies. *Revista de Administração de Empresas*, v. 48, n. 3, p. 46-60, 2008.

RODRIGUES, J. J. M.; DUARTE, M. M. R. Relato da responsabilidade social, ambiente e competitividade: Enquadramento teórico. *Revista Universo Contábil*, v. 7, n. 4, p. 138-155, 2011.

SALTER, S. B. *et al.* The role of social values, accounting values and institutions in determining accounting conservatism. *Management International Review*, v. 53, n. 4, p. 607-632, 2013.

SANTOS, L. P. G. *et al.* Effect of Law 11.638/07 on conditional conservatism companies listed on BM&FBOVESPA. *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 22, n. 56, p. 174-188, 2011.

SANTOS, L. S. R.; COSTA, F. M. Accounting conservatism and timeliness: empirical evidence in financial statements of Brazilian companies with ADRs traded on the New York stock exchange. *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 19, n. 48, p. 27-36, 2008.

SEARCY, C.; BUSLOVICH, R. Corporate perspectives on the development and use of sustainability reports. *Journal of Business Ethics*, v. 121, n. 2, p. 149-169, 2014.

SILVA, G. R. *Qualidade da informação contábil e sustentabilidade: um estudo nas companhias brasileiras listadas na BM&FBOVESPA*. 2014, 44f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças - FUCAPE, Vitória, 2014.

TEIXEIRA, E. A.; NOSSA, V.; FUNCHAL, B. O índice de sustentabilidade empresarial (ISE) e os impactos no endividamento e na percepção de risco. *Revista de contabilidade e finanças [online]*, v. 22, p. 29-44, 2011.

URSINI, T. R.; SEKIGUCHI, C. *Desenvolvimento sustentável e responsabilidade social: rumo à terceira geração de normas ISO*. São Paulo: Instituto Uniemp, 2005.

VIEIRA, A. L. A. Indicadores de sustentabilidade empresarial no Brasil: uma avaliação do Relatório do CEBDS. *Revibec: revista de la Red Iberoamericana de Economía Ecológica*, v. 5, p. 075-93, 2006.

WANG, D. Founding family ownership and earnings quality. *Journal of Accounting Research*, v. 44, n.3, p. 619-656, June 2006.

WATTS, R. L. Conservatism in accounting part I: Explanations and implications. *Accounting horizons*, v. 17, n. 3, p. 207-221, 2003.